

Intervenção final | Plano e Orçamento 2024

António Lima

Terminamos hoje um ciclo de uma crise política provocada pela direita. A direita juntou-se em 2020 para governar e em 2023 decidiu provocar eleições antecipadas.

Hoje, a direita volta a estar toda junta reatando o laço que decidiram quebrar em novembro, aprovando o mesmo orçamento.

Aliás, a contradição dos partidos da direita e da extrema-direita é total: O Chega ainda esta semana afirmou que os Açores caminham para a “insustentabilidade financeira”.

Esse caminho para a insustentabilidade financeira tem tido sempre o patrocínio do Chega.

Terminado o debate na generalidade deste orçamento, ficamos ainda mais convictos do desfasamento entre estas propostas e as necessidades dos Açores.

O orçamento prossegue uma política que mantém os Açores na mesma: Uma região que é a mais pobre e desigual do país.

Os rendimentos de quem trabalha continuarão a não chegar para as despesas ao fim do mês.

Quando os salários nos Açores pouco sobem para além do salário mínimo, temos de continuar a empurrar os salários para cima, aumentando o complemento regional ao salário mínimo.

A remuneração complementar, que se aplica aos funcionários públicos com mais baixos salários, deve aumentar para 100 euros e ser alargada para salários até dois mil euros.

Na região mais pobre do país é preciso uma nova política social e apoios mais abrangentes.

À medida que o número de beneficiários do RSI desce, a pobreza cresce, a sobrelotação habitacional também. Há cada vez mais gente a viver cada vez pior e sem apoio.

Para responder à emergência da crise da habitação, o governo age como nada se passasse. Nada faz para combater a especulação recusando impor limites ao Alojamento Local.

A política fiscal dos governos da coligação criou mais injustiça, aumentou a desigualdade e só beneficiou quem tem elevados rendimentos.

Abdicou de receitas empurrando para o abismo os serviços públicos, principalmente a saúde.

Hoje temos um orçamento menos capaz de garantir serviços públicos por opção do governo da direita.

A degradação que se verifica nos serviços públicos é também reflexo disso.

O incêndio no HDES é um sério, muito sério alerta.

A herança deste governo na saúde são 40 milhões de prejuízos nos hospitais e USIs por ano e 195ME de euros de dívidas a fornecedores. São um garrote que impede qualquer gestão de investir.

É urgente um plano de capacitação e modernização do SRS, que acabe de uma vez por todas com o subfinanciamento.

É a única forma do SRS investir e garantir resposta às pessoas.

De outro modo, caminhamos sim, para o abismo. O governo empurra para o privado e para custos inportáveis com a saúde a grande parte das pessoas.

É preciso ainda respeitar os profissionais de saúde. De que serve colocar no papel aquilo a que têm direito se depois o governo não paga? Desde 2022 que o governo regional deve milhões aos TSdT.

O grave momento atual não levou o governo a mover uma palha na sua insustentável política para a saúde!

No que respeita ao investimento este governo traz a este parlamento, ano após ano, as mesmas promessas, algumas que se arrastam no papel desde o tempo dos governos do PS.

O plano de investimentos transformou-se numa mera lista de afazeres, de Santa Maria ao Corvo.

O governo da direita é um procrastinador obsessivo. Adia tudo o que pode, enquanto afirma, sem se rir, que os investimentos avançam a todo o vapor!

O PSD congratulava-se ontem com o facto de os Açores terem sido considerados o melhor destino de aventura da Europa.

De facto, a vida da maioria das pessoas nos Açores é uma versão distópica dos livros da famosa série juvenil de livros “Uma Aventura”, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada.

Para além do já referido caminho para o abismo na saúde, a precariedade agigante-se nos serviços públicos, com trabalhadores precários a apelar publicamente por estabilidade.

A sua história é a triste aventura da precariedade que adia vidas.

No turismo a única estratégia é o crescimento, sem sustentabilidade social, ambiental e económica. O mercado é idolatrado, quem trabalha no setor é esmagado pela exploração.

“Uma aventura” no hotel a trabalhar horas sem fim com salário de miséria.

Na área social, o governo leva ao desespero as famílias que esperam por falta de vagas nas creches e estruturas residenciais para idosos porque a direita praticamente não investiu no aumento da resposta. “Uma aventura” à procura da creche.

Para tanta, mas tanta gente o dia-a-dia é uma verdadeira, dramática e exasperante aventura!

O setor público empresarial está à deriva, com a SATA à cabeça, com uma administração provisória há 1 mês, na altura mais crítica da sua vida.

Esta situação é insustentável! Confirmamos pelo relatório do júri, que a privatização significa pagar 380ME para vender a empresa. A privatização é uma perigosa aventura!

Nas pescas está cada vez mais em risco a sustentabilidade da frota atuneira, como se viu este ano com o esgotamento da quota do patudo em maio, fruto de anos de ausência de uma política para o setor.

Na transição energética, anda-se para trás, com a produção de energia cada vez mais dependente do super poluente fuelóleo, vendido pelo maior acionista privado da EDA.

Em 2019, 61,7% da energia elétrica produzida teve origem fóssil, em 2023 foram 63,5%.

Andamos para trás!

Na ciência e tecnologia abdica-se de investir nas ciências fundamentais. Pela calada o governo reduziu para metade as bolsas de doutoramento em contexto académico.

A cultura, já sabemos, para o governo é carta fora de baralho. É preciso justiça e respeito para quem nela trabalha.

Estamos empenhados em apresentar uma política alternativa.

Aumentar salários.

Integrar trabalhadores e combater a precariedade.

Garantir um plano para o desenvolvimento e capacitação do SRS.

Respeitar quem trabalha no SRS.

Cancelar a privatização da SATA.

Promover uma verdadeira transição ecológica.

Este não é o nosso orçamento. Esta não é a nossa política.

Damos voz a quem anseia pela mudança que responda aos seus problemas.
